



Gênero e religião na experiência da doença de Alzheimer

Letícia Vicentin*, Guita Grin Debert, Daniela Moreno Feriani

Resumo

A doença de Alzheimer, além dos aspectos biológicos, é transpassada por elementos da vida social como gênero e religião. Estes elementos sobrepostos, junto à velhice e cuidado, resultam em experiências específicas da doença na Residência Carmen Sallés, em São Paulo, para Irmãs católicas Concepcionistas Missionárias do Ensino. Através de uma metodologia qualitativa pode-se acompanhar, em meio à uma longa vivência etnográfica com as Irmãs, as linhas entrelaçadas do dia-a-dia com a doença. Partindo dos processos de nomeação da doença pelas próprias Irmãs, encontrando como a espiritualidade parece dissolver possíveis "assombros" causados pela doença, até se aproximar dos aparente não-limites da morte, tornou-se possível compor um estudo escrito e imagético da doença de Alzheimer neste contexto específico.

Palavras-chave:

Doença de Alzheimer, Gênero, Religião.

Introdução

Este estudo é a continuidade da pesquisa de mesmo título iniciada em 2017. A Residência Carmen Sallés, acompanhada desde aquele ano, foi criada a fim de realizar o controle sobre o manejo das experiências do fim da vida de Irmãs doentes que já não podem continuar em certos trabalhos da vida religiosa. Já havíamos compreendido que este contexto religioso parece dissolver possíveis assombros, delírios e sintomas da doença de Alzheimer. Assim como parece construir outras possibilidades de interpretação e manejo da mesma compondo maleabilidades na vida regrada pelo gênero e religião.

O retorno ao campo, depois do primeiro ano de pesquisa, foi marcado pela percepção das mudanças nos processos de nomeação da doença, pela chegada de novas Irmãs e por maiores aproximações da morte. Assim, esta continuidade foi composta de um acompanhamento cuidadoso das sobreposições dos elementos da vida religiosa, cuidado, velhice e morte que compõem a malha de experiências na Residência

Resultados e Discussão

Desde o início da pesquisa buscou-se acompanhar os processos de nomeação da doença de Alzheimer, realizado pelas próprias Irmãs, pensando através do trabalho de Feriani (2017). Ou seja, os modos pelos quais elas classificam e entendem sintomas e características da doença. Neste processo, inclusive, pode-se conhecer documentos antigos sobre as enfermidades de Irmãs já falecidas dentro da Congregação. Nestes documentos, assim como perceptível na Residência, se descreve que no pós-morte, as Irmãs irão "recuperar o conhecimento de tudo" ao se referir as alterações causadas pela demência no corpo. Apresentando, mais uma vez, interpretações espirituais para a experiência da doença.

Existe também, nas percepções das Irmãs um caráter do devir, do vir a ser na eternidade espiritual. Pensando em Ingold (2015) a compreensão de pessoa das Irmãs pode ser olhada em movimento, nas linhas do percurso que transpassa os possíveis limites da morte. Se o autor já nos ajudava a pensar como a experiência da doença de

Alzheimer na Residência é uma malha de interligações e sobreposições de sujeitos, coisas, gênero e religião também agora podemos entender que a experiência é baseada nas interpretações espirituais do devir, dos movimentos que se prolongam para, inclusive, o pós-morte.

Os silêncios perceptíveis no contexto religioso e da doença de Alzheimer na Residência, contribuem para a busca por realizar imagens fotografadas e desenhadas. Ou seja, para além das técnicas de entrevistas e observações, as imagens não como registro ou ilustração, mas sim como potências metodológicas do fazer antropológico. As composições imagéticas que são parte dos resultados entrelaçados, estarão presentes no pôster a ser apresentado no XXVII Congresso de Iniciação Científica da Unicamp.

Conclusões

Ao longo deste percurso etnográfico a doença de Alzheimer se mostrou multifacetada, heterogênea, difícil ao primeiro olhar. Este trabalho, contudo, reconhece seu espaço enquanto uma questão antropológica justamente porque nos abre à outras possibilidades de mundo e interpretação das realidades, principalmente em um contexto de vida religiosa. Foi assumida a tarefa, em campo, como coloca Ingold (2015) do "espantar-se" com as experiências entrelaçadas. Manter-se atenta aos percursos do devir. A pesquisa buscou compor, por meio de escrita e imagens, um estudo antropológico sensível ao objetivo de contribuir com a pouca explorada relação entre doença de Alzheimer gênero e religião.

Agradecimentos

Este trabalho não seria possível sem as orientações da professora Guita Debert e da pós doutoranda Daniela Feriani. Agradeço também às Irmãs por me receberem em suas rotinas, por permitirem essa intensa experiência antropológica que tecemos até aqui. Por fim, agradeço a oportunidade da bolsa de pesquisa SAE/Unicamp.

¹ Feriani, D. M. *Entre sopros e assombros: estética e experiência na doença de Alzheimer*. Tese de doutorado em Antropologia Social. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

² Ingold, T. *Estar Vivo*. São Paulo: Vozes, 2015.